

Leituras interartes

Eliana Kefalás

Susana Souto

A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. (Nicolau Sevcenko, *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa.*)

A rápida e afiliva imagem do loop da montanha-russa, metáfora proposta por Nicolau Sevcenko para pensar a contemporaneidade e esmiuçada por ele no trecho em epígrafe, ajuda-nos a entender a complexidade dos nossos tempos. Trata-se do momento das descidas mais bruscas da montanha-russa, em que ficamos paralisados pela rapidez das mudanças e quase não conseguimos mais reagir a elas. A arte, a crítica literária, a história, a filosofia e muitos outros campos, porém, tentam resgatar um outro ritmo, o da reflexão, o da observação mais lenta do que vivemos, pois, como escreve Sevcenko: “[...] uma coisa que a técnica não pode fazer é abolir a crítica, pela simples razão de que precisa dela para descortinar novos horizontes. Os sistemas políticos que tentaram banir a crítica morreram, sintomaticamente, por obsolescência tecnológica” (2001, p. 17). Esta revista organiza-se a partir da compreensão de que o texto literário insurge-se contra um conjunto limitado de normas e procedimentos, circula em diversos suportes e estabelece vínculos com outras artes e campos, solicitando do/a leitor/a, seja ele/a profissional ou não, múltiplos protocolos de leitura, para transitar nesse campo vasto e dinâmico, em que a técnica está sempre solicitando a crítica.

Cinema e literatura, canção e poema, ficcionalização da leitura e da escrita, releituras irônicas de clássicos, incorporação de imagens do leitor e da leitura na elaboração do literário, em prosa e em verso, esses são alguns dos temas e questões abordados pelos artigos que compõem este número da Revista Leitura. Assinados por pesquisadores de diversas regiões do Brasil, ligados a distintas áreas do conhecimento, esses textos desvelam um universo que vem sendo cada vez mais explorado nas pesquisas em literatura e comprovam que as reflexões sobre as distintas formas de leitura são cada vez mais necessárias para a compreensão acerca do tempo múltiplo e desconcertante em que vivemos.

Em instigante ensaio, intitulado “Leituras Jesuíticas do romance histórico *As Minas de Prata*, de José de Alencar”, Rafaela Mendes Mano Sanches, discute a incorporação elaborada por José de Alencar do folhetim francês *O judeu errante*, em *As minas de prata*, e lança luz sobre um aspecto pouco explorado da ficção desse fundador do romance brasileiro. A obra alencariana é também foco de análise proposta por Maria Aparecida Barbosa Vianna e Katy Evelin Almeida Santos, em “Do livro ao cinema: Iracema e Avatar”. Em “Da literatura aos perfis de Facebook, imagens, letras e mulheres indígenas”, de autoria de Ivânia dos Santos Neves e Raimundo de Araújo Tocantins, são abordadas leituras comparativas entre enunciados verbais e visuais produzidos sobre mulheres indígenas, inter-relacionando a figura de Iracema de José de Alencar a um perfil de uma mulher indígena.

O artigo “A estética da leitura em Julio Cortázar”, de Patrick Fernandes Rezende Ribeiro, envereda pelo romance e busca compreender proposições do ato de leitura que se constroem no romance argentino *Rayuela*, tendo como polo de interlocução as obras de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Em “*Crônicas da casa assassinada*: reflexões acerca do espaço literário e de leitura”, Bárbara del Rio Araújo investiga a dinamicidade do espaço literário, levando em conta a sua instância receptiva, de modo a evidenciar que é o espaço de indeterminação que propicia diferentes leituras daquela obra.

A poesia desconcertante da gaúcha Angélica Freitas é lida por Gabriel José Innocentini Hayashi, em “Relendo *Rilke Shake*: caçadas críticas, cidades invisíveis & distorções”, em que são mobilizados teóricos como Michel de Certeau, Juan Gabriel Vasquez, Alfonso Berardinelli e Roland Barthes, para acompanhar as releituras realizadas por Freitas, nos poemas do seu livro de estreia, já um marco na poesia brasileira do século XX. Outro poeta contemporâneo é analisado no texto “Roberto Piva e o trabalho poético da referência”, de Marcelo Antonio Milaré Veronese, em que se discute o trabalho de referência no volume intitulado *Paranoia*, com base nas reflexões de Antoine Compagnon sobre o trabalho de citação, constitutivo da escrita literária.

Em “O referencial artístico na lírica de Michelangelo Buonarroti: a relação arte/poesia a partir do soneto ‘Non ha l’ottimo artista alcun concetto (151)’”, Leandro Cauneto coloca lado a lado a poesia e a pintura de Michelangelo, evidenciando a dinamicidade de sua potência criadora, a qual se expande em diferentes gêneros em suas obras.

Articulando artes plásticas e poesia na formação do leitor, as autoras Eliane Aparecida Bococina e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, em “Leituras de Pieter Bruegel à luz da poesia de Manoel de Barros: a arte de ler, criar e transver o mundo com educandos e educadoras da Educação de Jovens e Adultos”, analisam leituras de professores sobre as experiências de seus educandos, acerca de imagens em pintura de duas obras de Pieter Bruegel, a partir de um aspecto apontado na estética da poesia de Manoel de Barros. Ainda tematizando questões relativas à formação do leitor,

o artigo “Ensino de literatura em cena: a performance literária na sala de aula”, de Márcia Maracajá Pessoa Pereira, reivindica, a partir de Zumthor, Stanislavski, Artaud, entre outros, a importância de se levar em conta o corpo cênico e a noção de performance na exploração do texto literário em sala de aula. Saulo Lopes de Sousa, em “No reino da palavra: reflexões sobre a leitura literária”, aponta para a importância da exploração do texto literário na interlocução com os alunos no ensino de literatura, de modo que a leitura seja, não “um monólogo”, mas “um concerto de vozes”.

A experiência da leitura de um personagem é abordada por Helenice Fragoso dos Santos e Gilda Albuquerque Vilela Brandão, em “Leitura, experiência e conflito em *O embrulho da carne*”. As autoras apontam para a experiência de recepção da protagonista desse conto de Sérgio Sant’Anna de uma notícia policial, veiculada em um jornal que embrulha uma carne vinda de um açougue.

Entrelaçando narrativa literária e fílmica, em “Memória e poesia: imagens da palavra de Guimarães Rosa no cinema”, Elzira Divina Perpétua e Anita Leandro tematizam o modo por meio do qual o encantamento entre Riobaldo e Diadorim, em *Grande Sertão: Veredas*, é redimensionado no curta-metragem *Rio de-Janeiro, Minas*, de Marily da Cunha Bezerra. Buscando investigar a leitura que Kubrick faz do gênero horror em *O Iluminado*, Helvio Moraes, no artigo “*O Iluminado*: o gênero do horror na leitura de Stanley Kubrick”, observa, inter-relacionando o filme com o romance homônimo de Stephen King, como o uso de alguns elementos, entre eles a elipse, provocam, na narrativa fílmica, enigmas interpretativos emblemáticos.

As autoras Simone Damasceno Padovani, Luciana Zardo Cosme e Ana Luisa Feijó, em “Onde estão meus olhos de robô? O olhar sobre consumismo em Pitty e Caio Fernando Abreu”, entrelaçam, a partir da Teoria do Imaginário, música e narrativa, evidenciando de que modo o poder e o consumo aparecem, tanto no conto “Ascensão e queda de Robhéa, manequim e robô”, de Caio Fernando Abreu, quanto na letra da música “Admirável chip novo”, da cantora Pitty.

A poeta Laura Erber foi lida por Davi Santana de Lara, que nos apresenta uma interessante resenha do seu livro *Esquilos de Pavlov*, publicado em 2013. Há ainda duas entrevistas com artistas que realizaram aproximações entre distintos campos da arte. Allan Nogueira entrevista Nelson Pereira dos Santos, autor de obras que são tão importantes para a compreensão da história do cinema brasileiro quanto mestre como Machado de Assis e Graciliano Ramos são para o nosso romance. Tazio Zambi conversa longamente com Ricardo Aleixo, multiartista, poeta, performer, ensaísta, designer, músico, sobre suas vivências e desafios no universo da arte brasileira contemporânea.

Todo trabalho é, de alguma forma, coletivo. Mais ainda o trabalho acadêmico, que só existe quando promove e se alimenta do diálogo. Uma revista acadêmica celebra esse diálogo, reúne textos de artistas, de pesquisadores. Há o trabalho ainda de técnicos, técnicas e bolsistas, que permitem receber os textos, reúnem os arquivos, formatam, enviam-nos para que organiza o número. O tra-

balho de quem atua como editor ou editora da revista, o trabalho dos integrantes do conselho editorial. Há o trabalho dos colegas, de diversas instituições que, em meio a muitas tarefas, aceitam o convite para ler textos e elaborar pareceres, muitas vezes, em prazos apertados, nessa época de produtividade. Nosso agradecimento a todos e todas que participam desse esforço coletivo que resulta na revista que vem a público, para promover novos diálogos, críticas, debates. No percurso de feitura deste número, infelizmente, houve um acontecimento muito triste, o falecimento súbito de Mohamed Bamba, nascido na Costa do Marfim e radicado no Brasil, onde foi professor e pesquisador dedicado da Universidade Federal da Bahia. Bamba contribuiu com a elaboração de dois pareceres para este número. Algo do seu trabalho fica inscrito nessas páginas, a ele, registramos aqui uma última homenagem.

Em tempos de violência e incomunicabilidade, tempos que vivemos em alta velocidade, tentando entender o mundo que passa diante de nós, celebrar o trabalho coletivo, ainda que realizado com muitos percalços num lento percurso, alimenta a alegria, reafirma a possibilidade do fazer coletivo, da solidariedade, do encontro, convida-nos a não nos afastar muito, a tentar andar de mãos dadas em alguns trechos desse longo caminho em que muitas pedras são vistas por nossas retinas tão fatigadas.